

## Análise estilística e versão comentada do conto *Adão e Eva*, de Machado de Assis

### *Stylistic Analysis and Commented Version of the Short Story Adam and Eve, by Machado de Assis*

Larissa Daroda

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais / Brasil  
PDSE/CAPES

[larissadaroda@gmail.com](mailto:larissadaroda@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-4730-6563>

Carolina Alves Magaldi

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais / Brasil  
[carolina.magaldi@ufjf.br](mailto:carolina.magaldi@ufjf.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-1240-2026>

**Resumo:** Esta investigação tem como objetivos promover uma análise estilística comparativa do conto *Adão e Eva*, de Machado de Assis, e de uma tradução de 2018 do mesmo conto feita por Costa e Patterson para a língua inglesa, com base nos critérios de Leech e Short (2007), bem como propor uma nova versão do conto para o inglês, com comentários sobre o processo tradutório. A metodologia selecionada foi o método misto, em que a abordagem quantitativa foi utilizada na análise estilística e a qualitativa, tanto na análise estilística quanto na versão proposta comentada para que se pudesse avaliar se as alterações em nível micro (linguísticas) causaram impacto em nível macro (estilo). São abordadas questões de domesticação e estrangeirização (VENUTI, 2008), retradução (BERMAN, 2013) e teoria dos polissistemas (EVEN-ZOHAR, 2000). Por fim, foi proposta uma nova versão para o conto, seguida da análise das escolhas feitas no processo tradutório.

**Palavras-chave:** Retradução; estilística; tradução comentada; tradução literária; Machado de Assis.

**Abstract:** This paper aims at promoting a comparative stylistic analysis of the short story *Adão e Eva*, by Machado de Assis, and its 2018 translation into English by Costa e Patterson, based on the criteria of Leech and Short (2007), as well as to propose a new, commented version of the short story into English. The selected methodology was the mixed method, in which the quantitative approach was used in the stylistic and qualitative

analysis, both in the stylistic analysis and in the proposed commented version, in order to assess whether the changes at the microlevel (linguistic) had an impact at the macrolevel (style). Issues of domestication and foreignization are addressed (VENUTI, 2008 [1995]), along with retranslation (BERMAN, 2013) and the polysystem theory (EVEN-ZOHAR, 2000). Finally, a new version for the short story was proposed, followed by an analysis of the choices made in the translation process.

**Keywords:** Retranslation; Stylistics; Annotated translation; Literary translation; Machado de Assis.

## Introdução

A análise estilística fornece importantes informações sobre como foi escrito um texto literário e, por consequência, permite a tradutores elaborarem propostas tradutórias cujas especificidades podem ser detalhadas em comentários que forneçam elementos a respeito do método e dos procedimentos empregados com vistas à manutenção ou não do estilo do autor ou da obra.

Esta investigação objetiva promover uma análise estilística do conto *Adão e Eva*, de Machado de Assis, com base nos critérios de Leech e Short (2007) e propor uma versão do conto para o inglês, com comentários sobre o processo tradutório.

O objeto de estudo do presente trabalho foi publicado inicialmente na *Gazeta de Notícias* em 1885 e, posteriormente, no volume *Várias histórias* em 1896 (PIERI, 2016). Este conto foi traduzido para o inglês em mais de uma ocasião. Neste trabalho, será analisada a tradução realizada por Margaret Jull Costa e Robin Patterson, publicada em 2018 pela Liveright Publishing Corporation.

Na próxima seção, são desenvolvidas ideias acerca da análise estilística, com aporte teórico de Leech e Short (2007), seguidas do cotejamento entre o texto fonte e o texto traduzido por Costa e Patterson (ASSIS, 2018). A seção seguinte apresenta uma proposta de versão do conto para o inglês e fornece o aporte teórico para os comentários acerca do processo tradutório. Por fim, são tecidas as considerações finais sobre as análises efetuadas.

## Análise estilística

### Aporte teórico

A definição de estilo de um texto literário, em princípio, parece não apresentar controvérsias, visto que pode ser tida como o modo como a linguagem é usada em um dado contexto, por uma dada pessoa, para um dado propósito (LEECH; SHORT, 2007).

Segundo Leech e Short (2007), a estilística é o estudo da relação entre a forma linguística e a função literária. Assim, pode-se buscar métodos de se promover a análise estilística de um texto, considerando que aspectos específicos devem ser analisados tendo como pano de fundo a tendência de se encontrarem padrões recorrentes no texto (LEECH; SHORT, 2007).

A análise do estilo, nos termos de Leech e Short (2007), é uma tentativa de definir os princípios subjacentes à escolha de linguagem do autor. Diante disso, os autores propuseram uma lista de categorias linguísticas e estilísticas para que os dados possam ser coletados de forma sistemática, resumida no quadro 1:

Quadro 1 – Lista de categorias avaliadas na análise estilística segundo Leech e Short (2007)

Categorias	Subdivisões
Categorias lexicais	Gerais: vocabulário simples ou complexo, formal ou informal, descritivo ou avaliativo, categorias morfológicas especiais ou expressões idiomáticas, registro.
	Substantivos: caracterização.
	Adjetivos: frequência, atributos descritos, graduabilidade, restritivos.
	Verbos: estativos, dinâmicos.
	Advérbios: frequência, semântica.

Categorias gramaticais	Tipos de sentenças.
	Complexidade da sentença: comprimento, coordenação, subordinação, parataxis (juxtaposição de sentenças ou estruturas equivalentes).
	Tipos de oração: tipo de dependência, orações reduzidas ou sem verbo.
	Estrutura da oração: ordem, frequência de elementos.
	Frases nominais: simples ou complexas, pré-modificação ou pós-modificação, listas de adjetivos.
	Frases verbais: tempos, progressão, auxiliares modais, phrasal verbs.
	Outros tipos de frases: preposicionais, adverbiais.
	Classes de palavras: palavras funcionais e seus efeitos, artigos, pronomes, palavras negativas.
	Gerais: comparativo, superlativo, listas, parênteses, estruturas intercaladas, coordenação com uma conjunção, sem conjunção ou mais de uma conjunção.
Figuras de linguagem	Desvio da norma geral de comunicação.
	Gramáticas e lexicais: repetição formal e estrutural, quiasma, efeitos retóricos.
	Esquemas fonológicos; interação destes com o significado.
	Figuras de linguagem, neologismos, colocações lexicais, semânticas, sintáticas, fonológicas ou grafológicas desviantes.
Coesão e contexto	Coesão: ligações internas do texto, entre as sentenças, reforço por repetição.
	Contexto: ligações do texto com o meio externo, como se dirige ao leitor, discurso direto ou indireto, mudanças de registro dependendo da personagem.

Fonte: Elaboração própria.

A opção pelo método misto se deu pelo fato de este permitir um estudo em maior profundidade. O embasamento quantitativo das categorias de Leech e Short (2007) fornece dados objetivos de análise em nível micro e a análise qualitativa sustenta a análise de seus efeitos em nível macro, ou seja, no estilo da obra como um todo, como será demonstrado na seção a seguir.

### **Análise comparativa de *Adão e Eva* (1885) e *Adam and Eve* (2018)**

Foi analisada a íntegra do conto de forma qualitativa e quantitativa, por meio de contagem manual das classes de palavras e com a análise dos efeitos resultantes destas alterações estilísticas. Verificaram-se as seguintes características estilísticas: trata-se de texto narrativo, em terceira pessoa, com diversos momentos de diálogo. Há um narrador, mas o próprio juiz-de-fora também atua como tal dentro da história – há uma narrativa dentro da narrativa.

Tendo o texto sido escrito na década de 1880, apresenta linguagem mais complexa do que encontrariamos atualmente, mas, para a época,

poderia ser considerada informal em alguns trechos (“Eva, antes que Deus lhe infundisse os bons sentimentos, cogitava de *armar um laço* a Adão, e Adão tinha ímpetos de espancá-la.”) (ASSIS, 1885<sup>1</sup>, p. 1, grifo nosso). Características que hoje seriam consideradas formais, como o uso da segunda pessoa do plural (“Vivereis aqui”) (ASSIS, 1885, p. 1) são características do século XIX e, na época, de fácil entendimento para a elite letrada que tinha acesso rotineiro aos jornais – o que não garante que pudesse ser considerada coloquial para a população de maioria analfabeta do Brasil imperial.

O levantamento quantitativo permitiu evidenciar que a escrita do texto traz diversos substantivos e palavras de conteúdo lexical (29,6% de todos os termos), os concretos em maior número e alguns abstratos se referindo a sensações físicas e psicológicas (*alma, instintos, gratidão*), amiúde acompanhados de determinantes, como artigos definidos e indefinidos (16%). Há relativamente poucos adjetivos (5,5%) se comparado com o número de substantivos.

O conto apresenta moderada quantidade de verbos de ação, que se apresentam tanto na voz ativa quanto na passiva, em geral para fins descritivos. Há, ainda, verbos volitivos, como “querer” e construções que expressam diálogos, com o uso de “dizer”, “responder”, “intervir” e “falar”. Entretanto, considerando o número de diálogos, era de se esperar uma quantidade maior destes verbos, sendo que há apenas 15 ocorrências deste tipo (5,4% de todos os verbos).

Existem ocorrências menos frequentes de verbos que descrevem sensações físicas, como visão (“olhavam”) e audição (“ouvirás”); e os verbos “ser” e “ficar” são empregados mormente nas descrições físicas e psicológicas (“era também jovial e inventivo”, “era gravíssimo”, “era insigne”) e na voz passiva descritiva (“foi criado”, “foi preciso”).

O autor serve-se de uma variedade de tipos de enunciados: declarativas, exclamativas (“Cruz”!, “Desgraçada!”, “Néscia!”), interrogativas (“Adão e Eva?”, “[...] altas e direitas como duas palmeiras?”) e imperativas (“[...] faça calar o Sr. Veloso”, “Vá lá, diga.”) (ASSIS, 1885, p. 2; p. 1). Há poucas sentenças sem verbo (“Espanto geral, riso do carmelita [...]”) (ASSIS, 1885, p. 1), mais localizadas em diálogos.

<sup>1</sup> Atualização ortográfica disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000264.pdf>.

As sentenças são complexas, com períodos compostos por subordinação e coordenação, com uma média de 15,7 palavras por período. A média é reduzida devido aos diálogos, que compreendem períodos simples/curtos. Durante a construção dos períodos, apresentam-se orações subordinadas e coordenadas com ocorrência de complementos verbais e nominais. Observam-se, também, orações reduzidas de gerúndio (“[...] e para ali os conduziu, investindo-os na posse de tudo.”) e particípio (“Consultado, o juiz-de-fora respondeu que não havia matéria para opinião”) (ASSIS, 1885, p. 1). A ocorrência destes tipos de orações reduzidas é maior na tradução, na maior parte das vezes por questões linguísticas da língua alvo, pois são estruturas mais idiomáticas na língua inglesa – “e se a responsabilidade da perda do paraíso devia caber a Eva ou a Adão” (ASSIS, 1885, p. 1) se tornou “and who had been responsible for us *being* cast out of paradise, Adam or Eve.” (ASSIS, 2018, p. 694, grifo nosso). Como será visto adiante, outra opção tradutória para este trecho, mantendo-se o estilo original, seria “and whether responsibility for the loss of paradise should rest with Eve or Adam”.

Ainda com relação à modificação que ocorreu com a tradução de Costa e Patterson (ASSIS, 2018), a principal foi a reconstrução de períodos, que se tornaram mais longos na tradução, com 16,8 palavras por período, e houve maior divisão de períodos (116 no texto fonte e 132 no texto alvo), com consequente alongamento do texto (1831 palavras no texto fonte e 2213 palavras no texto alvo). Com isso, houve certa perda da coordenação das orações, das conjunções e, por conseguinte, da concisão e rapidez, riquezas características do autor do texto fonte.

A pós-modificação é constante, ocorrendo regularmente por meio de adjetivos em complementos tipo predicado nominal (“era insigne na harpa e na viola”, “era gravíssimo”, “era também jovial e inventivo”) e em estruturas habituais do português (“paraíso terrestre”, “cousa primorosa”) (ASSIS, 1885, p. 1), o que confere fluidez à leitura. A complexidade das frases ocorre mediante o uso de figuras de sintaxe, que serão detalhadas a seguir, e de conjunções. São poucas as sequências de adjetivos e quase sempre se restringem a dois (“flores lindas e cheirosas”) (ASSIS, 1885, p. 1). Há amplo emprego de preposições, conjunções e pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos e indefinidos.

Há grande variação de tempos e modos verbais, com o uso de pretérito perfeito no início, para introduzir a narrativa dentro da narrativa

(“[...] anuncioi a um dos convivas”), presente do indicativo dentro dos diálogos (“eu, minha senhora, toco viola [...]”), imperativo afirmativo (“[...] peço que redobrem de atenção.”) e negativo (“Não diga esse nome [...]”), pretérito imperfeito do indicativo dentro da história sendo contada (“[...] porque até então não sabiam rir”, “E falava a maligna, falava à toa [...]”) e, ainda, futuro do presente do indicativo, sobretudo na descrição da tentação da serpente, (“[...] serás legião, fundarás cidades, e chamar-te-ás Cleópatra [...]”)(ASSIS, 1885, p. 1; p. 2).

Algumas figuras de linguagem, em especial figuras de sintaxe, podem ser identificadas no texto de Machado de Assis. A mais frequente é a elipse, pois este processo estilístico favorece a concisão e a rapidez, marcas do autor. A elipse é caracterizada pela supressão de um termo cujo sentido pode ser inferido pelo contexto, como aparece no seguinte trecho: “[...] e as aves te darão suas plumas, e a terra as suas flores...” (ASSIS, 1885, p. 2), em que fica subentendido que as terras *te darão* as suas flores. A elipse verbal é a principal ocorrência, mas a elipse de preposições também aparece (“chamou-lhe curioso”) (ASSIS, 1885, p. 1).

Outra figura presente é o assíndeto, com a omissão da conjunção coordenada aditiva “e” (“Cores das folhas verdes, cores do céu azul, vivas ou pálidas, cores da noite, hão de refletir nos teus olhos”) (ASSIS, 1885, p. 2). O contrário também ocorre, com a repetição da conjunção – não por demanda gramatical, mas estilística – como em “De tarde iam ver morrer o sol *e* nascer a lua, *e* contar as estrelas, *e* raramente chegavam a mil, dav-lhes o sono *e* dormiam como dous anjos” (ASSIS, 1885, p. 1, grifo nosso).

Além disso, com menor frequência ocorrem enumerações (“Nunca até então viram ares tão puros, nem águas tão frescas, nem flores tão lindas e cheirosas, nem o sol tinha para nenhuma outra parte as mesmas torrentes de claridade.”) e mais frequente é a repetição para ênfase (“tudo, tudo, tudo...”, “vai, vai...”, “entrai, entrai...”) (ASSIS, 1885, p. 1).

Referências metafóricas e comparativas ocorrem no fragmento “[...] darás heróis do teu ventre, e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu, e serás Débora; cantarás e serás Safo” (ASSIS, 1885, p. 2). No entanto, não se mostraram desafios tradutórios para Costa e Patterson, visto que são referências clássicas da história e da literatura mundiais e foram traduzidas como “Cornelia”, “Deborah” e “Sappho”. Contudo, itens lexicais desafiadores surgiram com termos culturalmente marcados, como “senhora

de engenho”, “doce”, “juiz-de-fora” e “mestre-de-campo”. Algumas soluções foram adequadas, como “mistress of a sugar plantation” para “senhora de engenho” e “colonel” para “mestre de campo”. Todavia, a tradução de “doce” ficou domesticada ao se usar o termo “pudding”. Será discutido mais adiante neste trabalho a questão da domesticação, na subseção 1.3.

A respeito do tema da “senhora de engenho”, trata-se de um marcador cultural típico do Brasil escravagista, em que senhores e senhoras eram donos, não só do engenho, como também dos escravos que lá trabalhavam. Assim, a versão do termo para o inglês carrega consigo um contexto sociocultural de difícil tradução para uma cultura alvo anglófona (seja ela estadunidense ou britânica) que, ainda que tenha conhecido a escravidão, não a vivenciou da mesma forma que o escritor o fez durante a escrita do conto ou como os leitores brasileiros da atualidade estudam nos livros de história.

Cabe, ainda, uma colocação acerca da relação de Machado de Assis com a escravidão. Embora a crítica machadiana tradicionalmente lhe atribua um papel isento ou absenteísta na lida com o tema escravagista, Machado estava ligado ao tema não só pelo contexto social, político e histórico em que estava imerso, como também por sua própria obra, em que inseria com frequência personagens escravizados em suas histórias e, menos frequentemente, o tema da escravidão em seus ensaios (DUARTE, 2020). Não era panfletário, pois não fazia seu estilo (CARVALHO, 2010, p. 268). Entretanto, a “Crônica do dia 14 de maio de 1893”, publicada no periódico *A semana*, é um veemente e inegável testemunho pessoal fornecido por Machado sobre o dia da promulgação da Lei Áurea.

Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstimo, em carruagem aberta, se me fazem favor, hóspede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto. (ASSIS, 1892)

O tema da escravidão, portanto, era deveras presente na obra de Machado e gera controvérsias importantes do ponto de vista tradutório, acendendo um debate acerca das escolhas lexicais e estilísticas do tradutor, que tem que cuidar especialmente para não reduzir, na criação do texto traduzido, o impacto de determinadas escolhas do autor oitocentista do ponto de vista semântico e estilístico.

Retomando a análise estilística do conto e da tradução, em que pesem algumas elipses verbais, de modo geral a coesão é bem evidente com uso de conjunções coordenativas, em especial a aditiva “e”, presente 82 vezes no texto fonte e a aditiva “and”, presente 79 vezes no texto traduzido por Costa e Patterson (ASSIS, 2018).

A coesão de significado é ferramenta para a construção da ideia de um texto quase bíblico, com alta verossimilhança devido à fácil comparação com o texto bíblico original do Gênesis, que trata da criação do mundo, características que serão desconstruídas no decorrer do conto com a reviravolta da história.

Por fim, é interessante destacar que há alteração no estilo de escrita entre o narrador em terceira pessoa, a fala do juiz-de-fora – mais formal e que lembra as Escrituras durante sua narração, entremeada com momentos de informalidade com as expressões idiomáticas e figuras de linguagem já citadas – e os diálogos, marcados por informalidade respeitosa.

### **A questão da retradução**

A Teoria dos Polissistemas descreve a cultura como sendo um polissistema constituído por outros sistemas, como literatura, política, economia, religião, entre outros que, apesar de distintos, exibem ação dinâmica por estarem interligados, sofrendo e gerando influência de natureza social, cultural e histórica (EVEN-ZOHAR, 2000).

Marie-Hélène Torres (2017), ao abordar a questão da retradução, manifesta a importância de se procurarem outras traduções prévias ao texto que se vai traduzir e obter dados a respeito do tradutor e do contexto histórico da época, pois, desta forma, se consegue perceber, inclusive, quais as dificuldades o tradutor anterior teve.

Isso posto, informações contextuais sobre a primeira tradução são essenciais para se justificar a existência da versão que será aqui apresentada. *Adam and Eve* foi primeiramente apresentada em inglês no livro *The Devil's Church and Other Stories* (University of Texas Press, 1977). O livro apresenta 19 contos de Machado de Assis – entre eles, *Adam and Eve* – traduzidos por Jack Smith e Lorie Ishmatsu. Em 2018, Margaret Jull Costa e Robin Patterson traduziram *The Collected Stories of Machado de Assis*, coletânea que inclui o conto ora estudado e cujo texto foi usado na análise estilística deste trabalho. A breve análise estilística da segunda seção deste

trabalho nos permite inferir que o texto fonte de Machado foi submetido a domesticação para que fosse mais bem aceito pela cultura de chegada, ou seja, a estadunidense.

Os conceitos de domesticação e estrangeirização foram propostos por Lawrence Venuti (2008) a partir da concepção de Schleiermacher sobre o tema, em 1813. Venuti defende que uma tradução estrangeirizadora consiste na busca pela permanência das diferenças linguístico-culturais que caracterizam o texto de partida, causando um estranhamento no leitor do texto de chegada (VENUTI, 2008). Como alternativa, a tradução domesticadora envolve, por parte do tradutor, uma adaptação do texto de partida ao contexto cultural de chegada, contribuindo para a invisibilidade do tradutor, que se caracteriza pela aparência de que o texto teria sido escrito na própria língua de chegada (VENUTI, 2008).

Antoine Berman (2013) verificou que a tradução hegemônica é etnocêntrica, ou seja, aproxima o texto de partida da língua e da cultura de chegada, tornando-o mais domesticado. Essa aproximação leva o texto traduzido a ser escrito segundo modelos já existentes na cultura de chegada, o que caracteriza a tradução hipertextual. Esse autor, portanto, condena a domesticação, que ele denomina etnocentrismo, e propõe que a melhor maneira de traduzir seja albergando o longínquo, ou seja, aceitando as diferenças e as estranhezas da língua de partida (BERMAN, 2013).

Sendo assim, ainda que Venuti (2008) e Berman (2013) recomendem que a tradução seja o mais próximo possível do texto e da cultura de partida, em um sistema de literatura dominante e central como é o estadunidense, é fato comum encontrar traduções domesticadoras, visto que o interesse é conhecer o texto, o autor e a cultura de partida, mas sem necessariamente abrir espaço para o novo dentro da cultura de chegada. Em relação ao último aspecto, Torres (2017) evoca novamente Berman (2013) e afirma que a maioria dos leitores tem o hábito de ler traduções que neutralizam a presença do estrangeiro no texto traduzido e que “o efeito do texto seria outro se o tradutor revelasse, ao contrário, as idiossincrasias do texto estrangeiro na tradução” (TORRES, 2017, p. 32).

Neste ponto, Torres (2017) defende o quanto essencial é a questão da retradução, uma vez que, de acordo com Berman (2013), qualquer tradução envelhece e pode ser refeita para se adequar ao gosto de um novo público leitor; além disso, todas as línguas estão em constante processo

de mudança. Nos dias atuais, pode-se argumentar que algumas traduções estrangeirizadoras têm tido maior aceitação pelo público em geral e, consequentemente, pelas editoras.

Uma versão para o inglês do conto ora estudado será, então, proposta, com o intuito de preservar algo do estilo de Machado de Assis, ainda que tenham sido necessárias mudanças gramaticais ou lexicais para preservar a legibilidade na língua de chegada. Com relação à terminologia, são empregados tanto o termo “versão” para a proposta, visto que se trata de tradução para língua estrangeira, quanto “retradução”, pois é uma segunda aparição da obra em língua inglesa, embora a primeira seja considerada tradução por ter sido feita por nativos de língua inglesa.

### **Proposta de versão para o inglês**

#### **Adam and Eve, by Machado de Assis**

A sugar plantation mistress, in the state of Bahia, around the year seventy something, having some close friends in for dinner, announced to one of the guests, a fairly gluttonous one, a particular sweetmeat. He immediately wanted to know what it was; the hostess called him curious. No more was needed; soon everyone was discussing curiosity, whether it was male or female, and whether responsibility for the loss of paradise should rest with Eve or Adam. The ladies said Adam, the men said Eve, except for the trusted law judge, who said nothing, and Friar Bento, a Carmelite monk, who was questioned by the housewife, D. Leonor:

“I, lady of mine, play the viola”, he replied with a smile; and he didn’t lie, because he was outstanding in the viola and harp, no less than in theology.

After being consulted, the law judge replied that there was no matter for opinion; because the things in the earthly paradise happened differently from what is told in the first book of the Pentateuch, which is apocryphal. General astonishment, laughter of the Carmelite who knew the judge as one of the most pious characters in the city, and knew that he was also jovial and inventive, and even a friend of the mockery, provided it was sensible and delicate; in grave matters, he was exceptionally grave.

“Friar Bento”, said D. Leonor, “silence Mr. Veloso.”

“I shall not silence him”, said the friar, “because I know that all that come from his lips has high significance”.

“But the Scriptures...” Colonel João Barbosa began to speak.

“Let us leave the Scriptures alone”, interrupted the Carmelite. Mr. Veloso is obviously acquainted with other books...

“I know the authentic one”, insisted the judge, receiving the plate of sweetmeat that D. Leonor offered him, “and I am ready to say what I know, unless you rule against it”.

“Come on, say it”.

“Here is how things went. First of all, it wasn’t God who created the world, it was the Devil...”

“Good grief!” exclaimed the ladies.

“He must not be named”, demanded D. Leonor.

“Yes, it seems that...” Friar Bento intervened.

“Very well, the Evil one. It was the Evil one who created the world; but God, who read his mind, gave him a free hand, merely undertaking to correct or attenuate the work, so that the hopelessness of salvation or benefit would not rest in the hands of the Evil itself. And the divine action soon revealed itself because, having the Evil one created darkness, God created light, and so the first day was done. On the second day, when the waters were created, storms and hurricanes rose; but the afternoon breezes descended from divine thought. On the third day the earth was made, and vegetables sprouted from it, but only vegetables without fruit or flower, the prickly, the herbs that kill like the hemlock; God, however, created fruit trees and vegetables that nourish or delight. And having the Evil one dug deep chasms and caves in the earth, God made the sun, the moon and the stars; such was the work of the fourth day. In the fifth, animals of the land, water and air were created. We have reached the sixth day, and here I ask you to increase your attention.

There was no need to ask for it; everyone at the table stared at him with curious eyes.

Veloso proceeded, claiming that on the sixth day the man was created, and soon later, the woman; both beautiful, but lacking a soul, that the Evil one could not give, and both had only bad instincts. With one breath, God infused them with their souls and with another breath, He instilled noble, pure and great feelings. The divine mercy did not stop there; it grew a garden

of delights, and led them into it, investing them with the possession of everything. Both of them fell at the Lord's feet, shedding tears of gratitude. "You shall live here," said the Lord, "and you shall eat all the fruits, except that of this tree, which is the tree of knowledge of Good and Evil."

Adam and Eve heard submissively; and being alone, they looked at each other in wonder; they did not look the same. Before God infused Eve with good feelings, she considered putting a snare on Adam, and Adam felt an urge to beat her up. However, now they were immersed in the contemplation of each other, or in the view of nature, which was splendid. Never before have they seen such pure air, nor water so fresh, nor flowers so beautiful and fragrant, nor did the sun have the same torrents of light anywhere else. And holding hands, they went through everything, laughing a lot, in the first days, because until then they had not known how to laugh. They had no sense of time. They did not feel the weight of idleness; they lived on contemplation. In the evening, they would watch the sun set and the moon rise, and they would count the stars, and rarely reached a thousand, for it made them sleepy and they slept like two angels.

Naturally, the Evil one was furious when he heard about the case. He could not go to paradise, where everything was against him, nor would he come to a fight with the Lord; but hearing a rumor on the ground among dry leaves, he looked and saw that it was the serpent. He called it, excitedly.

"Come here, snake, creeping bile, venom of venoms, do you long for being your father's ambassador, to recover your father's works?"

The snake made a vague gesture with its tail, which seemed affirmative; but the Evil one granted the serpent the power of speech, and it replied yes, that it would go wherever he sent it, – to the stars, if he gave it the eagle's wings – to the sea, if he trust the secret of breathing in water – deep in the earth, if it he taught it the ant talent. And the Evil snake spoke, it spoke idly, without stopping, content and lavish with its tongue; but the devil interrupted it:

"None of this, neither to the air, nor to the sea, nor to the land, but only to the garden of delights, where Adam and Eve are living."

"Adam and Eve?"

"Yes, Adam and Eve."

"Two beautiful creatures that we saw walking some time ago, tall and straight as palm trees? "

“Precisely.”

“Oh! I hate them. Adam and Eve? No, no, send me anywhere else. I despise them! The mere sight of them makes me suffer a lot. You would not want me to hurt them...”

“It is exactly for that.”

“Really? Then I will go; I will do whatever you wish, my lord and father. Go on, say quickly what you want me to do. Shall I bite Eva’s heel? I will bite...”

“No”, the Evil one interrupted. “I want quite the opposite. There is a tree in the garden, which has the knowledge of Good and Evil; they must not touch it or eat its fruits. Go into the garden, coil yourself up in the tree, and when one of them passes by, call him gently, take one fruit and offer it to them, saying that it is the most delicious fruit in the world; if they say no, you shall insist, telling them that eating it is enough to get to know the very secret of life. Go, go...”

“I will go; but I will not speak to Adam, I will speak to Eve. I will, I will. That it is the very secret of life, is it not? ”

“Yes, the very secret of life. Go, snake from my entrails, flower of evil, and if you do well, I swear you will have the best part in creation, which is the human part, because you will have a lot of Eve’s heel to bite, a lot of Adam’s blood in which to put the virus of evil... Go, go, do not forget...”

Forget? It already took everything by heart. It went, entered the paradise, crawled to the tree of Good and Evil, curled up and waited. Eve appeared shortly after that, walking alone, slender, with the confidence of a queen who knows that no one will rip off her crown. The serpent, bitten with envy, was going to call the venom to the tongue, but it remembered the orders of the Evil one, and, in a honeyed voice, it called her out. Eva trembled.

“Who is calling me?”

“It’s me, I’m eating this fruit...”

“Goddamned, it’s the tree of Good and Evil!”

“Exactly. I now know everything, the origin of things and the enigma of life. Come, eat and you will have great power on earth.”

“No, you perfidious one!”

“Dullard! Why do you refuse the radiance of time? Listen to me, do as I say, and you will be legion, you will establish cities, and you will be

called Cleopatra, Dido, Semiramis; you will give birth to heroes from your womb, and you will be Cornelia; you will hear the voice of heaven, and you will be Deborah; you will sing and you will be Sappho. And one day, if God wants to come down to earth, he will choose your entrails, and you will be called Mary of Nazareth. What else do you want? Royalty, poetry, divinity, all exchanged for stupid obedience.

It won't be just that. All of nature will make you beautiful and more beautiful. Colors of green leaves, colors of blue sky, bright or pale, night colors, will reflect in your eyes. Even the night, in rivalry with the sun, will come and play in your hair. The children of your bosom will weave the best garments for you, compose the finest aromas, and the birds will give you their feathers, and the earth its flowers, everything, everything, everything...

Eve listened impassively; Adam arrived, listened to them and confirmed Eve's answer; nothing was worth the loss of paradise, neither knowledge, nor power, no other earthly illusion. Having said that, they took each other by the hand, and turned away the serpent, who left in a hurry to account for the Evil one.

God, who had heard everything, said to Gabriel:

“Go, my archangel, descend to earthly paradise, where Adam and Eve dwell, and bring them to the eternal bliss, which they deserve for their repulse at the Evil one's temptations.”

And then the archangel, placing the diamond helmet on his head, which shone like a thousand suns, instantly tore the air, reached Adam and Eve, and told them:

“Hail, Adam and Eve. Come with me to paradise, which you deserved for your repulse at the Evil one's temptations.”

One and the other, astonished and confused, bowed their laps in obedience; then Gabriel took them each by the hand, and the three went up to the eternal abode, where myriads of angels were waiting for them, singing:

“Come in, come in. The land you left behind is left to the works of the Evil one, to ferocious and evil animals, to dangerous and poisonous plants, to filthy air, to the life on the swamps. The crawling, babbling and biting serpent will reign in it, no creature like you will ever put the note of hope and piety amidst such abomination.”

And that was how Adam and Eve entered heaven, to the sound of all zithers, which joined their notes in a hymn to the two cast out from creation...

... Having just finished speaking, the trusted law judge handed his plate to D. Leonor for another helping of sweetmeat, while the other guests looked at each other in amazement; instead of an explanation, they heard a narrative that was enigmatic, or at least had no apparent meaning. D. Leonor was the first to speak:

“Well, did I not say that Mr. Veloso was getting us. That’s not what we asked you, none of that happened, did it, Friar Bento? “

“The judge will know the answer to that question”, replied the Carmelite, smiling.

And the trusted law judge, bringing a spoonful of sweetmeat to his mouth:

“On second thought, I believe that none of this happened; on the other hand, D. Leonor, if it had happened, we would not be here enjoying this sweetmeat, which is, indeed, an exquisite thing. It is still that old confectionery of yours from Itapagipe?”

## THE END

### A versão comentada

A partir da análise comparativa realizada na seção anterior e da versão do conto proposta para o inglês, são tecidos comentários sobre o projeto tradutório e o processo de tradução levados a cabo na escrita deste artigo.

#### Comentários sobre a versão para o inglês

A proposta de versão do conto partiu da análise estilística da primeira tradução, como já comentado na seção 1.2. A intenção, ao propor uma versão da língua portuguesa para a língua inglesa por uma falante nativa do português brasileiro era buscar produzir um texto traduzido que valorizasse o estilo do autor do texto fonte, tentando, dessa forma, manter a letra (BERMAN, 2013) na medida em que as diferenças linguísticas permitissem.

Desafios se apresentaram durante o processo tradutório, sendo o primeiro deles, a tradução de termos bíblicos. Machado apresenta significativa intertextualidade com a Bíblia em diversas de suas obras, mormente nas que têm questões religiosas como a temática principal, como ocorre em *Adão e Eva*. Dessa forma, há de ser respeitada, na versão para o inglês, como os termos têm sido usados na Bíblia na língua inglesa.

Como exemplos, temos o quadro 2, o qual representa, ao mesmo tempo, a intertextualidade com a Bíblia e como Machado tomou da liberdade de escritor para alterar os acontecimentos registrados nas Escrituras Sagradas.

Cumpre-nos destacar que a versão da Bíblia mais disseminada no Brasil imperial era a tradução para o português da Vulgata latina. Jean-Michel Massa, no artigo “*La bibliothèque de Machado de Assis*”, afirma que o escritor possuía em sua coleção o exemplar “*BÍBLIA, A. [...] sagrada* contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em português segundo a vulgata latina por António Pereira de Figueiredo. Londres, Oficina de Harrison e filhos, 1866” (MASSA, 1961, p. 206). Embora Massa (1961) informe que alguns exemplares da biblioteca de Machado haviam se perdido quando seu artigo foi escrito, não há registro de outra edição da Bíblia de sua propriedade. No entanto, para fins de atualização ortográfica, na análise comparativa que se segue será utilizada a edição oficial da Confederação Nacional de Bispos do Brasil, também baseada na Vulgata para a tradução para a língua portuguesa.

Quadro 2 – Versão dos termos bíblicos

Texto-fonte (ASSIS, 1885)	Versão proposta	Texto bíblico em português	Texto bíblico (The Creation of Heaven and Earth)
<p>Em primeiro lugar, não foi Deus que criou o mundo, foi o Diabo... [...] — Seja o Tinhoso. Foi o Tinhoso que criou o mundo; mas Deus, que lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres, cuidando somente de corrigir ou atenuar a obra, a fim de que ao próprio mal não ficasse a desesperança da salvação ou do benefício. E a ação divina mostrou-se logo porque, tendo o Tinhoso criado as trevas, Deus criou a luz, e assim se fez o primeiro dia.</p>	<p>First of all, it wasn't God who created the world, it was the Devil..." [...] "Very well, the Evil one. It was the Evil one who created the world; but God, who read his mind, gave him a free hand, merely undertaking to correct or attenuate the work, so that the hopelessness of salvation or benefit would not rest in the hands of the Evil itself. And the divine action soon revealed itself because, having the Evil one created darkness, God created light, and so the first day was done.</p>	<p>No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava deserta e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: "Faça-se a luz!" E a luz se fez. Deus viu que a luz era boa. Deus separou a luz das trevas. À luz Deus chamou "dia" e às trevas chamou "noite". Houve uma tarde e uma manhã: o primeiro dia. (Gênesis, 1: 1-5)</p>	<p>In the beginning God created the heaven and the earth. And the earth was without form, and void; and darkness was upon the face of the deep. And the Spirit of God moved upon the face of the waters. And God said, Let there be light: and there was light. And God saw the light, that it was good: and God divided the light from the darkness. And God called the light Day, and the darkness he called Night. And the evening and the morning were the first day.</p>
<p>“Vivereis aqui”, disse-lhes o Senhor, “e comereis de todos os frutos, menos o desta árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal”.</p>	<p>“You shall live here,” said the Lord, “and you shall eat all the fruits, except that of this tree, which is the tree of knowledge of Good and Evil.”</p>	<p>O Senhor Deus trouou o homem e o colocou no jardim de Éden, para o cultivar e guardar. O Senhor Deus deu-lhe uma ordem, dizendo: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não deves comer, porque, no dia em que dele comeres, com certeza morrerás”. (Gênesis, 2:15-17)</p>	<p>And the LORD God took the man, and put him into the garden of Eden to dress it and to keep it. And the LORD God commanded the man, saying, Of every tree of the garden thou mayest freely eat: But of the tree of the knowledge of good and evil, thou shalt not eat of it: for in the day that thou eatest thereof thou shalt surely die.</p>

Fonte: Elaboração própria.

A partir da primeira linha do quadro supramencionado, podemos observar que há uma intertextualidade entre o conto e o texto bíblico, havendo correspondência parcial inclusive na ordem em que ocorreram os eventos da criação do mundo. O detalhe diferencial inserido é secundário ao estilo irônico de Machado de Assis, que se refere ao fato de o criador ser o Diabo, não Deus – e acaba por se tornar o fator de maior importância em todo o conto.

Na última linha do quadro, uma questão lexical se destaca: a árvore da ciência do bem e do mal. Ciência, em português brasileiro, tem atualmente o sentido principal de “[a]tividade humana baseada em conceitos e princípios desenvolvidos racionalmente e na utilização de um método definido, por meio do qual se se produzem, se testam e se comprovam conhecimentos considerados objetivos e de validade geral [...].” (GEIGER, 2011, p. 330). Se fôssemos traduzir pelo atual sentido, o faríamos com o termo “science”. No entanto, na época da escrita do texto, o significado primordial da palavra era “conhecimento, notícia, corpo de doutrina que expõe as causas e efeitos de phenomenos, ou applica principios e verdades demonstradas” (ALMEIDA; LACERDA, 1898, p. 887). Assim sendo, a melhor tradução para o termo seria “knowledge”, como é demonstrado na versão em língua inglesa do texto bíblico.

Além disso, características do estilo de Machado de Assis, como seu vocabulário, que inclui expressões idiomáticas, uma certa informalidade de uso para a época e termos com marcação cultural e/ou temporal são demonstrados no quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Peculiaridades lexicais de *Adão e Eva*, de Machado de Assis

Texto-fonte	Versão proposta	Observações
Uma senhora de engenho, na Bahia, pelos anos de mil setecentos e tantos [...]	A sugar plantation mistress, in the state of Bahia, around the year seventy something [...]	Regionalismo e linguagem coloquial. Particularidade lexical da língua portuguesa sem sinônima adequada em língua inglesa.
[...] anunciou a um dos convivas, grande lambareiro, um certo doce particular.	[...] announced to one of the guests, a fairly glutinous one, a particular sweetmeat.	Linguagem coloquial, marcadamente cultural e temporalmente ( <i>convivas, lambareiro</i> ). Particularidade lexical da língua portuguesa sem sinônima adequada em língua inglesa ( <i>lambareiro, doce</i> ).

<p>Espanto geral, riso do carmelita que conhecia o juiz-de-fora como um dos mais piedosos sujeitos da cidade, e sabia que era também jovial e inventivo, e até amigo da pulha, uma vez que fosse curial e delicada; nas cousas graves, era gravíssimo.</p>	<p>General astonishment, laughter of the Carmelite who knew the judge as one of the most pious characters in the city, and knew that he was also jovial and inventive, and even a friend of the mockery, provided it was sensible and delicate; in grave matters, he was exceptionally grave.</p>	<p>Liberdade sintática (frases sem verbo, repetição: <i>grave</i> [...] <i>gravíssimo</i>). Linguagem coloquial, marcada cultural e temporalmente (<i>jovial, inventivo, amigo da pulha, curial</i>). Particularidade lexical da língua portuguesa sem sinónímia adequada em língua inglesa e marcada temporalmente (<i>juiz-de-fora</i>).</p>
<p>– Mas a Escritura... ia dizendo o mestre-de-campo João Barbosa.</p>	<p>“But the Scriptures...” Colonel João Barbosa began to speak.</p>	<p>Particularidade lexical da língua portuguesa sem sinónímia adequada em língua inglesa e marcada temporalmente (<i>mestre-de-campo</i>, que se refere a uma patente militar posteriormente substituída por Coronel).</p>
<p>– Cruz! exclamaram as senhoras.</p> <p>– Não diga esse nome, pediu D. Leonor.</p>	<p>“Good grief!” exclaimed the ladies.</p> <p>“He must not be named”, demanded D. Leonor.</p>	<p>Linguagem coloquial, marcada cultural e temporalmente (<i>Cruz!</i>, não mencionar o nome do diabo).</p>
<p>[...] cogitava de armar um laço a Adão, e Adão tinha ímpetos de espancá-la.</p>	<p>[...] she considered putting a snare on Adam, and Adam felt an urge to beat her up.</p>	<p>Linguagem coloquial, com expressões idiomáticas e marcadores culturais e temporais (<i>armar um laço</i>, agressão às mulheres).</p>
<p>– Não, pérfida!</p> <p>– Néscia! Para que recusas o resplendor dos tempos?</p>	<p>“No, you perfidious one!”</p> <p>“Dullard! Why do you refuse the radiance of time?”</p>	<p>Linguagem marcada temporalmente (Pérfida, néscia).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Dos termos acima mencionados, dois foram alvo de pesquisas linguísticas e culturais mais aprofundadas, pela falta de equivalência terminológica e cultural entre as línguas. O primeiro foi *doce*, termo que, no português brasileiro atual pode ser definido como “1 Que tem o sabor semelhante ao do açúcar ou do mel 2 Diz-se de alimento preparado com ou ao qual se acrescentou açúcar ou adoçante. [...] 8 Cul Alimento ou iguaria em que entra açúcar ou outro adoçante [...].” (GEIGER, 2011, p. 512, grifo do autor).

No entanto, no século XIX, havia, além dessa, uma definição bastante específica, segundo Almeida e Lacerda: “**DÔCE**, s. m. frutas; gemmas de ovos, etc. feitas em açúcar ou mel.” (ALMEIDA; LACERDA, 1868, p. 913, grifo do autor). Naquela época, a maior parte das sobremesas servidas em jantares da corte correspondia a frutas cozidas com água e açúcar, perfazendo compotas, que tinham a facilidade de obtenção e de armazenamento (ao contrário do sorvete, ou *glace*, tão difundido na Europa na época). Por este motivo, optou-se pelo uso de “*sweetmeat*” para a sua tradução, que, segundo Longmuir, significava “Conerva de frutas com açúcar<sup>2</sup>” (LONGMUIR, 1870, p. 461, tradução nossa). Em uma possível publicação comercial, caberia uma nota de tradução com a explicação sobre a palavra, que não é mais tão conhecida no inglês contemporâneo com esse sentido<sup>3</sup>, ou sua substituição pelo genérico “*dessert*” (sobremesa).

O segundo termo que merece comentário do ponto de vista tradutório é *juiz-de-fora*, que caiu em desuso no próprio português brasileiro, não havendo equivalência possível para a língua inglesa sem que se recorra à explicitação do termo ou a uma nota de tradução, informando ser um juiz de direito que ocupava cargo de confiança. O verbete figura no *Novíssimo dicionário Aulete* com a definição “~ de **fora**. Ant. Juiz Brasileiro na época colonial.” (GEIGER, 2011, p. 828, grifo do autor).

Por fim, outra questão relevante que se destacou durante a versão para o inglês foi o uso de *phrasal verbs*, termo que se refere a verbos associados a partículas que são indispensáveis para completar o sentido, como no exemplo *beat her up*, na sexta linha do quadro 3. O conto foi escrito em 1855 e o objetivo da versão que se apresenta neste trabalho foi promover uma versão mais próxima do original, no que diz respeito às escolhas linguísticas, estilísticas e tradutórias. Sendo assim, foi necessária uma pesquisa sobre se era ou não adequado o uso de *phrasal verbs* no texto alvo.

A incidência de *phrasal verbs* aumentou vertiginosamente no inglês moderno. O próprio Shakespeare aplicou amplamente a forma ao longo das peças. Hiltunen cita um estudo de Castillo, no qual 5744 *phrasal verbs* foram identificados dentro do corpo das peças. [...]

<sup>2</sup> “Fruit preserved with sugar.”

<sup>3</sup> Nos dias atuais, figura o verbete com a seguinte definição: “**sweetmeat**. [...] noun. *old use*. a candy or item of sweet food.” (BUXTON; LINDBERG; HILLIARD, 2009, grifo do autor).

Akimoto observa também que “os *phrasal verbs* ocorrem com mais frequência em cartas e dramas do que em ensaios ou escritos acadêmicos” nos séculos XVIII e XIX. Isso confirma que os *phrasal verbs* ocupavam uma posição social inferior no inglês moderno do que, talvez, verbos latinos únicos que poderiam preencher seus campos semânticos [...]. (LAMONT, 2005, tradução nossa)<sup>4</sup>

Dessarte, optou-se por sua utilização em detrimento de palavras de origem latina como *assault* ou *assail*, para preservar a coloquialidade da escrita do texto-fonte, que foi inicialmente publicado em jornal de ampla circulação.

Após a exposição de certas particularidades do processo tradutório do conto *Adão e Eva*, serão apresentadas algumas considerações finais.

## Considerações finais

O presente trabalho promoveu uma revisão acerca de conceitos de estilo e estilística de textos literários para, em seguida, proceder a uma análise estilística do conto *Adão e Eva*, de Machado de Assis (1885). Durante a análise estilística, compararam-se o original e a tradução de Costa e Patterson (ASSIS, 2018) quanto a critérios como a concisão e a reestruturação de períodos, além de questões lexicais de termos regionais e expressões idiomáticas e os resultados encontrados permitem afirmar que as alterações em níveis linguístico, sintático e lexical, determinaram modificações no estilo do texto produzido por Costa e Patterson.

A partir deste cotejamento, foi proposta uma versão do conto para a língua inglesa, caracterizando uma retradução – ratificando aqui a concepção de que a versão proposta se trata de uma retradução. Por um lado, este projeto tradutório coaduna com a hipótese de retradução, proposta por Berman em 1990. Segundo essa hipótese, a primeira tradução de um texto tende a ser etnocêntrica, pois introduz o texto e o autor em um sistema literário.

<sup>4</sup> “The incidence of phrasal verbs exploded in Early Modern English. Shakespeare himself applied the form widely throughout the plays. Hiltunen cites a study by Castillo, in which 5744 phrasal verbs have been identified within the body of the plays. [...] Akimoto notes also that ‘phrasal verbs occur more frequently in letters and dramas than in essays or academic writing’ in the eighteenth and nineteenth centuries. This confirms that phrasal verbs occupied a lower social position in Early Modern English than, perhaps, single Latinate verbs that could fill their semantic fields [...]”.

Retraduções posteriores inclinam-se a tornar o texto estrangeiro novamente, retomando o estilo literário do autor original (BERMAN, 2017).

No entanto, por se tratar de retradução feita em um período tão curto após a primeira tradução, pode-se inferir que, mais do que uma atualização da tradução, trata-se de projeto tradutório diverso, visto que, apesar de o autor e o texto já serem conhecidos no polissistema literário anglófono, a tradução estudada se revelou domesticada, constatação que motivou a proposta da segunda versão. A versão, por óbvio, teve seus desafios, como a manutenção da estruturação de períodos e das escolhas estilísticas de Machado de Assis, na medida do possível.

Ressalta-se que não há julgamento de valor da tradução publicada por Costa e Patterson (ASSIS, 2018). Outrossim, possui grande valor literário e cultural e oferece mais uma oportunidade de contato do público anglófono com uma obra de autor de renome na literatura brasileira como Machado de Assis.

Conclui-se que a análise estilística prévia de um texto a ser traduzido contribui sobremaneira para que a tradução ou a versão possam ser executadas no sentido de manter a letra do texto original (BERMAN, 2013), o que possibilita ao público receptor um contato mais próximo com o autor do texto fonte.

## Referências

- ALMEIDA, D. José Maria; LACERDA, Araujo Corrêa. *Diccionario Encyclopedico ou Novo Diccionario da Lingua Portuguêza*. 3. ed. Lisboa: Escriptorio de Francisco Arthur da Silva, 1868.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *The Collected Stories of Machado de Assis*. Tradução de Margaret Jull Costa e Robin Patterson. New York: London: Liveright Publishing Corporation, 2018.
- ASSIS, Machado de. [Crônica de 14 de maio de 1893]. In: A BIBLIOTECA VIRTUAL DO ESTUDANTE BRASILEIRO; A ESCOLA DO FUTURO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *A Semana, de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: [s. n.], c1982. Não paginado. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000255.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2022.

- ASSIS, Machado de. Adão e Eva. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 60, 1 mar. 1885. Três Apólogos, p. 1-2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730\\_1885\\_00060.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1885_00060.pdf). Acesso em: 10 out. 2020.
- BERMAN, Antonie. A retradução como espaço da tradução. *Cadernos de tradução*, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 261-268, 2017.
- BERMAN, Antonie. *A tradução da letra ou o albergue do longínquo*. Tubarão: Copiart, 2013.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. Brasília: Editora CNBB, 2019. 1776 p.
- BUXTON, Charlotte; LINDBERG, Christine; HILLIARD, Sarah. *Oxford American Dictionary and Thesaurus*. New York: Oxford University Press, 2009.
- CARVALHO, Castelar de. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo e temas*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afrodescendente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. In: VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, 2000. p. 192-197.
- GEIGER, Paulo (org.). *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. 1488 p.
- LAMONT, George J. M. *The Historical Rise of the English Phrasal Verb*. [S. l.: s. n.], 2005. Não paginado. Disponível em: <http://homes.chass.utoronto.ca/~cpercy/courses/6361lamont.html#:~:text=Old%20English%20generally%20did%20not,the%20beginning%20of%20the%20verb>. Acesso em: 1 jan. 2021.
- LEECH, Geoffrey; SHORT, Mick. *Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose*. 2. ed. London: Pearson Longman, 2007. Disponível em: <http://sv-etc.nl/styleinfiction.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.
- LONGMUIR, John. *Walker and Webster Combined in a Dictionary of the English Language*. London: William Tegg, 1870.

MASSA, Jean-Michel. La bibliothèque de Machado de Assis. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, n. 21-22, p. 195-238, mar. / jun. 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=393541&pasta=ano%20196&pesq=%22Jean-Michel%20Massa%22&pagfis=6056>. Acesso em: 29 abr. 2021.

THE CREATION OF HEAVEN AND EARTH. In: KING JAMES BIBLE. *Genesis*. [S. l.: s. n.], 2003. Não paginado. Disponível em: <https://www.pitt.edu/~dash/genesis01-03.html#:~:text=And%20God%20saw%20the%20light,the%20waters%20from%20the%20waters>. Acesso em: 1 jan. 2021.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). *Literatura traduzida tradução comentada e comentários de tradução volume dois*. Fortaleza, CE: Substânsia, 2017. p. 15-35. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40930/1/2017\\_captiv\\_mhtorres.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40930/1/2017_captiv_mhtorres.pdf). Acesso em: 16 set. 2020.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. 2. ed. London: New York: Routledge, 2008.